

Movimentos de quadris e movimentos feministas: Millôr e feminismo (1968-1982)

Hip movements and feminist movements: Millôr and feminism (1968-1982)

Movimiento de las caderas y movimientos feministas: Millôr y feminismo (1968-1982)

Cintia Lima Crescêncio*

Resumo

O humor, não raras vezes, é considerado um mero instrumento de fazer rir, sem sentido político ou ideológico. Entretanto, se considerarmos o poder das palavras, como constituintes não só de sentidos, mas também de subjetividades, a piada e o deboche podem assumir contornos sérios, com repercussões capazes de conter ou estimular a transformação. As integrantes dos movimentos feministas de segunda onda no Brasil conheceram como ninguém os alcances da zombaria quando o assunto é a desestabilização das expectativas de gênero. Millôr Fernandes, jornalista, chargista e humorista, costuma ser o nome mais lembrado nesse pouco honroso *hall* da fama em que jornalistas atuantes nos mais variados impressos durante a ditadura civil-militar são acusados de sexistas e misóginos. Desejando extrapolar es-

sas críticas já conhecidas, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel de Millôr no combate e também na divulgação dos feminismos brasileiros, a partir de pesquisas já elaboradas n' *O Pasquim* e a partir de excertos da revista *Veja*, que são articulados ainda a um compêndio em que o jornalista ocupa-se de dissertar sobre o feminismo.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar. Humor. Movimentos feministas.

* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História Cultural da UFSC.

Recebido em: ago. 2012 - Aprovado em: nov. 2012
<http://dx.doi.org/10.5335/hdt.v.12-n.2,2257>

Desde a década de 1960, Millôr Fernandes tem dedicado crônicas, verbetes, charges e uma grande variedade de textos ao ataque dos movimentos feministas, principalmente os brasileiros. Seja em sua participação em um jornal da imprensa alternativa, como *O Pasquim*, seja em um impresso da grande imprensa, como a revista *Veja*, o humorista não abandonou sua veia sarcástica no tratamento dos feminismos, com algumas variações de intensidade, mas como uma ação contínua.

Pensando Millôr como parte constituinte do contexto de emergência dos feminismos de segunda onda¹ no Brasil na década de 1970, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre suas posições político-ideológicas articuladas aos seus objetos de interesse de crítica, como é o caso dos movimentos feministas. Para isso, são explorados alguns escritos do humorista publicados em forma de coletânea; bibliografias já produzidas com o intuito de refletir sobre os ataques de Millôr Fernandes; e colunas de *Veja*² assinadas por ele que contemplavam os feminismos como foco de humor, o que inclui charges e alguns excertos.

A proposta, portanto, é buscar entender o tratamento concedido ao feminismo brasileiro e internacional por Millôr Fernandes, sem a intenção de justificar suas críticas muitas vezes exageradas, porém, tentando articular outras problemáticas levantadas pelo humorista que, muitas vezes, explicam suas críticas. Assim, esse texto não pretende acusar Millôr Fernandes de machista, como outros trabalhos já o fizeram, pretende, sim, entendê-lo como

participante de uma forma de pensamento específica que levava a certos desdobramentos no que se refere ao tema feminismo. Para isso, busca-se ainda construir um paralelo entre o Millôr d'*O Pasquim*, jornal alternativo, e o Millôr de *Veja*, fundada com amplos recursos por uma grande editora, a Abril. Isso porque uma pesquisa na referida revista, em comparação aos estudos já feitos pela historiadora Rachel Soihet, em que evidencia o estilo de abordagem debochado e desrespeitoso em relação ao feminismo no referido jornal, permitem-nos identificar diferentes tratamentos.

Nesse sentido, este artigo parte ainda do questionamento sobre o direito regulamentar ou tradicional de se proferir um discurso (FOUCAULT, 2010, p. 56), direito que foi muito bem explorado pelo humorista que soube sabiamente lidar com seus diferentes lugares de fala. Isso é, se por um lado, em uma publicação de oposição e tida como libertária Millôr permitiu-se agredir verbalmente uma porção de feministas, por outro, em *Veja*, apesar de não ter louvado o feminismo, fez uso de uma crítica bem menos mordaz, o que pode ser explicado pelo público-alvo da revista, pela hierarquia à qual o humorista estava submetido e a uma série de outros fatores que busco explorar nas páginas seguintes.

Millôr e a imprensa: feminismo na mira do jornalismo

Em se tratando de história da imprensa, Tânia Regina de Luca já alertou historiadoras e historiadores que não po-

demos utilizar periódicos e revistas como fonte ou como objeto, sendo preciso que, para o aperfeiçoamento do trabalho historiográfico, esses documentos sejam tratados como fonte e objeto. É, então, de suma importância, que, antes de encararmos as publicações como fontes, localizemos o grupo responsável pela publicação, colaboradores, origens de receita, público-alvo etc. (LUCA, 2005). Nesse sentido, dedico algumas páginas à compreensão de *Veja* e também d'*O Pasquim* como frutos de seu meio e tempo. Entretanto, em função do enfoque ser sobre o trabalho de Millôr Fernandes é importante ainda que entendamos um pouco sobre sua trajetória que intersecta as histórias desses dois impressos.

Milton Fernandes nasceu no Rio de Janeiro em 1924. Pouco tempo após o seu nascimento o pai faleceu e o nível de vida da família baixou imediatamente. Aos 14 anos, Millôr (apelido que teria começado a reinar três anos depois) já começou a trabalhar como jornalista, profissão apreendida no labor. Em 1944 ingressou na gráfica O Cruzeiro como jornalista da revista de mesmo nome. Em pouco tempo progrediu na carreira, ganhando prestígio e dinheiro. Em 1964 fundou o jornal alternativo *O Pif-Paf*, que durou pouco, mas a experiência foi repetida com a fundação d'*O Pasquim*. Paralelamente a essas atividades, Millôr Fernandes expôs desenhos no Masp, escreveu peças que enfrentaram o problema da censura e traduziu uma porção de outras vindas do exterior.³ O humorista, colunista, escritor, teatrólogo, chargista, ao narrar sua trajetória, ignora o período no qual esteve trabalhando em *Veja*, fonte

primordial dessa análise. Depois de assinar quase oitocentas colunas na revista, os 14 anos de colaboração semanal são omitidos na narração de sua biografia.⁴

Em entrevista ao programa *Roda Viva* da TV Cultura, o humorista, ao ser questionado sobre sua saída da revista, afirmou: “Eu sou mais antigo que a *Veja*, eu sou mais importante do que a *Veja*, eu sou anterior à *Veja*”. Em seguida Millôr narrou trechos de uma conversa que teria tido com Roberto Civita, herdeiro da Editora Abril:

[...] ele me telefonou uns 8 ou 10 anos depois de eu trabalhar na revista: - Poxa, eu não te conheço, eu mal te conheço, eu vou ir pro Rio, será que nós não poderíamos jantar juntos?

Depois de reproduzir o diálogo, ele apontou: “Eu nunca tive o gosto pelo poder [...] não há possibilidade de eu sucumbir a alguma coisa nesse sentido.” Nesse depoimento o jornalista não só deixou clara a sua importância para a revista, visto que não é o diretor de redação que estabelece uma tentativa de contato, e sim um dos homens mais poderosos no meio editorial brasileiro, bem como ressaltou a sua pouca simpatia pelo que Roberto Civita e, consequentemente *Veja*, tinham a oferecer. Millôr finalizou acentuando que teria apoiado Brizola nas eleições e que haveria interesses da revista que ele não continuasse. Vale lembrar que Leonel Brizola foi um dos fundadores do PDT e teve seu nome historicamente ligado à esquerda, tendo sido exilado durante a ditadura e responsabilizado, inclusive, pelo estopim da luta armada. O jornalista destacou ainda que Civita teria pedido para que ele permanecesse,

mas que este não teria aberto mão de sua posição, naquelas seis ou sete semanas que faltavam para as eleições.⁵ Carla Luciana da Silva (2005, p. 68) aponta que a demissão de Millôr teria sido oferecida por Civita em troca de empréstimo na Caixa Econômica Federal, em razão do interesse da censura de não ter de lidar com as críticas do chargista. Provavelmente, existem outras versões para o desligamento depois de tantos anos de colaboração, todavia o que interessa no momento é compreender um pouco sobre a história da revista.

Veja foi lançada em 11 de setembro de 1968, tendo sido semanal primeiro semanário a trazer o modelo *Times* ao Brasil, estilo caracterizado pelo caráter noticioso e informacional. Era um projeto de 1960 que acabou sendo adiado em virtude da crise política de 1961 e seu nome, *Veja*, reflete o objetivo de ser vista, com uso de muitas imagens (ALMEIDA, 2009, p. 23). Com uma das maiores campanhas publicitárias da imprensa brasileira, a revista chegou às bancas e demorou alguns anos até que se estabelecesse financeiramente (ALMEIDA, 2009, p. 38). Contudo, é preciso levar em conta que essa foi fundada pelo grupo Abril, editora comandada por Victor Civita e seu filho Roberto Civita, em um contexto capitalista e liberal. Nesse ponto é importante acentuar que a grande imprensa, como empresa, não sofreu tanto no período de 1964-1985 (SMITH, 2000, p. 58).

Dessa maneira, *Veja* foi construída e fortaleceu-se durante o regime militar, levado adiante com o apoio de civis, sendo ainda sustentada pela publicidade que era em grande parte financiada por

propagandas do Estado. Não se trata de apontar a convivência da revista com o regime, ou mesmo seu apoio, visto que Anne Marie-Smith (2000, p. 213) já destacou a burocratização do aparelho da censura dificultando e muito a reação da imprensa, mas é relevante refletirmos sobre essas “teias” que, de alguma maneira, permitem que se problematize o esquema maniqueísta que costuma reinar quando o assunto é ditadura e imprensa. É pertinente levar em consideração ainda edições de *Veja* com páginas repletas de árvores, símbolo da editora Abril, mostrando que a censura atuou também sobre ela, mesmo que essa não conservasse a postura opositora de jornais alternativos, como era o caso de *O Pasquim*. Millôr, inclusive, é identificado como o responsável pelo retorno da censura à revista em 1974 (ALMEIDA, 2009, p. 133-134). É importante termos em mente que *Veja*, nesse contexto capitalista empresarial, buscava crescer como empresa, ao contrário do que ocorre com os jornais alternativos que, eminentemente contestadores da ordem vigente, geravam seus lucros através das vendas, construindo um outro tipo de relação com o aparelho do Estado (SMITH, 2000, p. 49).

De acordo com Paolo Marconi (1980, p. 308), juntamente com Ziraldo, Tarso de Castro, Henfil e Jaguar, Millôr fundou o semanário *O Pasquim* em 1969. Inaugurado em um dos momentos mais tensos da ditadura brasileira, um ano após a decretação do AI5, o alternativo prometia inovar dentro da própria imprensa alternativa. Conforme Andréa Queiroz (2011, p. 8):

O Pasquim possuía uma linguagem diferente dos outros alternativos da época. A principal idéia era dar voz a uma intelectualidade boêmia da zona Sul do Rio de Janeiro, mas sem um engajamento político-partidário. Era um grupo interessado em contestar o conservadorismo da classe média, da qual eles mesmos faziam parte, como também criar um canal de debate e oposição à ditadura civil-militar (1964-1985).

A autora aponta o caráter suprapartidário do jornal, ocupado mais em criticar costumes e opor-se ao autoritarismo da ditadura militar. Contudo, é importante considerar que os homens que faziam o semanário não estavam completamente alheios aos rumos institucionais da política. Prova disso são as eleições de 1982, em que se identifica Ziraldo apoiando o PMDB,⁶ Jaguar o PDT e Henfil o PT (QUEIROZ, 2004, p. 246). Entrevista citada anteriormente aponta que Millôr apoiou Brizola, candidato pelo PDT ao governo do Rio de Janeiro. Apesar de a-partidário, nota-se que há uma simpatia não só com a resistência ao regime civil-militar, mas também com a esquerda da época, com exceção de Ziraldo. Todavia, o objetivo dessa imprensa alternativa seria de crítica dos costumes e do moralismo da classe média, sem ser estabelecida uma crítica da cultura das esquerdas, mesmo que essa tenha sido abandonada como filosofia de vida. Por meio do humor e de uma nova forma de linguagem, principalmente no *O Pasquim*, mas também nessa imprensa alternativa de modo geral, foram afastadas as lógicas empresarial e hierárquica, buscando-se uma forma alternativa de se fazer jornalismo (QUEIROZ, 2004,

p. 232). Em 1988 o jornal foi comprado pelo empresário Carlos Rabello, jornalista disposto a investir na sua profissionalização (QUEIROZ, 2004, p. 248).

Segundo Anne Marie-Smith (2000, p. 58-59):

Entre as matérias cobertas pela imprensa alternativa contam-se a política, cultura, humor, ficção, questões raciais, feminismo, direitos dos homossexuais e assuntos comunitários.

Temas que, de maneira geral, não eram foco de análise da grande imprensa, como *Veja*, mais inclinada a discussões na ordem da política no seu sentido institucionalizado. Apesar dos temas inovadores que preenchiam as páginas das mais diferentes publicações alternativas, boa parte dessas abandonava o humor politicamente desafiador em benefício do humor absurdamente racista e sexista (SMITH, 2000, p. 58-59), este último, dos mais frequentes em *O Pasquim*, geralmente, personificado pela perseguição às mulheres e, principalmente, às feministas. Céli Regina Jardim Pinto (2003, p. 64) identifica os problemas enfrentados pelo feminismo no Brasil durante esse período, demonstrando as dificuldades de “adaptação” de suas perspectivas.

[...] o feminismo era mal visto no Brasil, pelos militares, pela esquerda, por uma sociedade culturalmente atrasada e sexista que se expressava tanto entre os generais de plantão como em uma esquerda intelectualizada cujo melhor representante era justamente o jornal *Pasquim*, que associava uma liberalização dos costumes a uma vulgarização na forma de tratar a mulher e a um constante deboche em relação a tudo que fosse ligado ao feminismo.

Como demonstrado na citação, o emergente feminismo de segunda onda brasileiro enfrentava uma série de obstáculos. Não bastasse a opressão de um governo ditatorial e autoritário que proibia o direito de reunião, ainda era preciso lidar com as críticas elaboradas pela esquerda e principalmente pelo semanário *O Pasquim*.

Ana Alice Alcântara Costa (2005, p. 13) aponta que a segunda onda do feminismo na América Latina nasceu na década de 1970 em meio ao autoritarismo e à repressão que marcou os regimes militares, sendo, portanto, consequência da resistência de mulheres às ditaduras. Os movimentos feministas que teriam se desenvolvido no país nesse momento, portanto, seriam fruto de um contexto bastante distinto do que marcou o feminismo de segunda onda de países como Estados Unidos e França, na medida em que a identificação de opressão das mulheres aliou-se ao combate ao regime civil-militar, sendo também tributário de influências das nações consideradas berço desse feminismo que primava pela luta pelo corpo, pelo prazer e contra o patriarcado.

Annete Goldberg (1987, p. 39), em dissertação escrita logo após o calor desses acontecimentos, aponta que “no Brasil a modernização e o processo político não permitiram a emergência de um movimento de liberação da mulher como ocorreu em países liberais avançados no mesmo período”. Contudo, o solo brasileiro teria sido fértil para a concepção de um feminismo liberal em que o gênero era considerado no seu aspecto cultural, sendo que esse mode-

lo valorizava esforços individuais e figuras excepcionais, aliado a um marxismo que lançou a “questão da mulher”. As mulheres, nesse sentido, conseguiram romper com muitos padrões morais, mas acabaram esbarrando em uma identidade de esquerda que não assimilava as discussões de gênero (GOLDBERG, 1987, p. 39-40).

A partir dessa perspectiva, a autora aponta ao longo de todo seu texto os diferentes feminismos que foram reafirmados em diferentes fases desse momento de ditadura, em que ora um feminismo de orientação liberal acentuou-se, ora as marxistas buscaram enfatizar o caráter de movimento de mulheres do feminismo, pendendo-o para a esquerda. O que não teria encontrado brechas para se desenvolver em terras tupiniquins teria sido o feminismo radical, muito difundido em países liberais avançados (GOLDBERG, 1987, p. 155). Assim, a articulação entre modernização e autoritarismo limitou a formação do campo do movimento de liberação das mulheres, mas possibilitou a criação de um projeto feminista de esquerda (GOLDBERG, 1987, p. 169-170).

É nesse embate brevemente apresentado que será pensada a postura de Millôr Fernandes, que não se afirmava filiado a partido algum, mas que estava engajado em um jornal como *O Pasquim*, eminentemente de oposição a um governo militar e conservador, e também em uma revista, como *Veja*, não necessariamente apoiadora do golpe, mas aliada a uma perspectiva neoliberal. Começo, dessa maneira, essa exploração com alguns escritos de Millôr publicados em forma de coletânea em que ele

apresenta a leitoras e leitores um compacto de suas impressões sobre os feminismos, as quais, efetivamente, demonstram o desagrado do colunista de *Veja*, justificado também por sua simpatia pelas esquerdas.

Millôr “verbeteando”: entre movimentos e humor

Em 2002 foi lançado *Millôr definitivo: a bíblia do caos*, livro que reúne pensamentos, ponderações e preceitos compactados em forma de verbetes e organizados em ordem alfabética. A obra traz em seu conteúdo passagens de autoria de Millôr publicadas nos mais diferentes meios impressos ao longo de sua carreira e, não surpreendentemente, o feminismo tem seu lugar junto à letra F, logo após a expressão feminino. Dissertando sobre o feminino, o colunista destaca:

O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris. (Esta frase, homenagem à mulher menina moça de Ipanema, entre os treze e os dezoito anos, cujo balanço ao andar é uma glória que nenhuma ideologia feminista conseguirá ofuscar, foi tomada pelas feministas – ai, meu saco! – como ‘machista’. Pra começo de conversa trocaram, por pura ignorância, a palavra feminino por feminista (a frase vira um trocadilho idiota), além de entenderem e divulgarem a coisa como se eu, grosseiramente, estivesse falando de movimentos dos quadris na cama – não tenho nada contra (1971) (FERNANDES, 2002, p. 230-231).

A frase é curta, a explicação sobre os diferentes sentidos concedidos a ela na época de sua publicação é que se estende no esforço de justificar as interpretações que

levaram Millôr, novamente, a ser acusado de machista. Se levarmos em consideração a complexa relação que o jornalista estabeleceu com as feministas, mesmo essas linhas que explicam que a frase é uma homenagem ao balanço da menina moça de Ipanema, concluímos que se trata de uma provocação. Ao afirmar que “o melhor movimento feminino ainda é o dos quadris”, Millôr Fernandes quase que elaborou um chamado às mulheres, solicitando que essas retornem ao movimento dos quadris (natural-feminino) que, implicitamente, vinha sendo substituído pelos movimentos feministas em ampla expansão. Elementos da análise do discurso permitem afirmar que “a interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato [...]”. Mas sem perder de vista a noção de que “quando se interpreta já se está preso em um sentido” (ORLANDI, 2009, p. 25). E, nesse caso, o sentido “original” é o que dá sentido à própria escrita desse trabalho que vem pautada na relação de crítica e deboche que Millôr construiu com o feminismo e tudo que diz respeito a ele ao longo de sua trajetória. Não se trata, portanto, de substituir a palavra feminino por feminista e, sim, de articular essa afirmação à exterioridade (ORLANDI, 2009, p. 25).

Vale ressaltar ainda que os escritos de Millôr traziam uma visão eminentemente essencialista de feminino. Sua afirmação de que nenhuma ideologia feminista seria capaz de combater o andar glorioso dessa menina moça é um dos indicadores dessa perspectiva. O colunista de *Veja* partia da premissa que existe uma diferença básica

entre mulheres e homens, tratados por ele como sinônimo de feminino e masculino, o que permite uma vasta discussão no campo dos estudos de gênero. Millôr chega, inclusive, a sugerir que o feminismo faria parte do eterno feminino quando, em coluna datada de 1976, aponta: “E se, de repente, nós provarmos que o feminismo faz parte do eterno feminino?” (MILLÔR, 1976, p. 15). Em nítido confronto com a perspectiva (des)construtivista que assolava o pensamento feminista da época, o colunista procurou biologizar, também, o feminismo, apontando-o como naturalmente feminino.

O caminhar teórico, se assim posso nomear, em que gênero é compreendido inicialmente como construção social sobre o sexo e, posteriormente, em que o sexo é tido também como construto social, é essencial, principalmente para contextualizarmos as críticas de Rachel Soihet em seus estudos sobre os escritos do colunista n’*O Pasquim*, local em que o sexismo de Millôr assume seu caráter mais objetivo. As feministas, aquelas transgressoras da ordem natural estabelecida entre os sexos, foram, assim, julgadas por romperem com as expectativas de gênero. Conforme Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, autoras como Linda Nicholson, Judith Butler e Thomas Laqueur, contribuíram em uma história mais recente para o abandono do fundacionalismo biológico que se estabelece juntamente ao sexo no sentido de determinar o gênero (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 294), contudo, é preciso pensar que, para além da teoria e do esforço de inspirar políticas públicas que pensem as identidades de maneira mais fluída, tem-

-se uma sociedade organizada de maneira binária, pautada no sexo biológico que constitui sujeitos antes mesmo desses chegarem ao berço.

Essa discussão teórica levanta possibilidades que estão intimamente relacionadas à história do feminismo em si e, conseqüentemente, as elucubrações de Millôr Fernandes sobre o tema, afinal, as mulheres são consideradas os sujeitos “naturais” do feminismo. Millôr, como integrante do contexto de emergência dos feminismos de segunda onda no Brasil, de certa maneira, atacou questões muito caras ao pensamento feminista do período, isto é, a própria noção de construção das diferenças entre homens e mulheres, a base para a transformação.

O essencialismo biológico e o moralismo no que se refere ao comportamento dessas mulheres consideradas liberadas se expressou com objetividade no verbete do livro *Millôr definitivo: a bíblia do caos*, quando a proposta foi “conceituar” o feminismo. Millôr, então, questionou: “Quer dizer que as mulheres queriam se liberar apenas para imitar os homens: beber mal, se locupletar em ministérios e entrar pra Academia Brasileira de Letras? (1980)” (FERNANDES, 2002, p. 231). Fazendo uso de ampla ironia, o jornalista apontou que a liberação das mulheres estaria pautada na busca da igualdade em relação aos homens, igualdade essa que as levaria a terem maus hábitos no que tange ao uso do álcool e a fartarem-se em ministérios, o que de fato vinha ocorrendo, com aumento vertiginoso do ingresso de mulheres na política institucional. Millôr, como crítico das

formas de fazer política, ao nosso ver, não está criticando o feminismo e seus avanços nesse trecho, mas a própria condição humana, o que significa ironizar também o papel dos homens na sociedade. Ele finalizou destacando a entrada de mulheres na Academia Brasileira de Letras, fazendo clara referência à Rachel de Queiroz, que, em 1977, tornou-se a primeira mulher eleita para ingressar na ABI e que, no entanto, sempre recusou o título de feminista. Os postos ocupados por homens já estariam ao alcance das mulheres, todavia, na sequência, o jornalista demarcou o lugar da impossibilidade.

Millôr seguiu no seu esforço de conceder a leitoras e leitores um panorama do feminismo apontando que “as mulheres, afinal, já estão com tudo. Isto é – só falta um pedacinho” (FERNANDES, 2002, p. 231). O jornalista partiu de uma diferença primordial entre homens e mulheres, ressaltando a importância daquele “pedacinho”. Thomas Laqueur, versando sobre a criação do sexo, afirma que

[...] só houve interesse em buscar evidência de dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, quando essas diferenças se tornaram politicamente importantes” (LAQUEUR, 2001, p. 21).

O autor disserta sobre o século XVIII, mostrando como a ciência constituiu a diferença entre mulheres e homens, e não o contrário (LAQUEUR, 2001, p. 28). Entretanto, Millôr Fernandes escrevia entre as décadas de 1960 e 1980, obedecendo a um sistema binário que concede valores distintos à genitália, valores que impregnam

a ordem social, cultural, política e econômica como um todo, não sendo, assim, uma “invenção” do jornalista acusado de misógino e sexista, mas uma política sexual que pauta a construção de uma hierarquia biológica que demarca nossos modos de ser e estar no mundo. As feministas, nessa análise, rompem abertamente com essa estrutura, em razão do que eram atacadas, muitas vezes sob a acusação de estarem querendo ocupar o lugar dos homens, observação frequentemente feita por Millôr.

Finalizando suas considerações sobre o feminismo nessa obra, o colunista destacou o movimento feminista em si, vinculando-o à noção de liberação dos costumes.

O movimento feminista, como tudo o mais, está a reboque da tecnologia. Quando surgiu a construção vertical, o telefone e o automóvel, para dizer só isso, o sistema já não conseguia mais controlar o comportamento sexual das pessoas. E as mulheres começaram a se liberar, a partir do sexo. O bom pai zeloso não tinha mais como controlar a “coisinha” da filhinha. Ela ia pro apartamento de baixo, ou o automóvel passava depois de uma conversa ao telefone e em 15 minutos o “mal” estava feito (FERNANDES, 2002, p. 231).

Em longas linhas capazes de tirar muitas feministas do sério, Millôr evocou o movimento feminista como remanescente das mudanças comportamentais de mulheres no que se refere ao comportamento sexual. Segundo ele, a liberação sexual seria tributária ainda do desenvolvimento tecnológico. Essa percepção da liberação sexual como uma quase “desculpa” para o movimento feminista é uma perspecti-

va frequente na equipe d'*O Pasquim*, que, conforme Rachel Soihet (2005, p. 594), não perdia a oportunidade de reduzir o feminismo a uma ideologia pejorativamente burguesa. Nesse sentido, de acordo com a pesquisadora, seus integrantes

[...] comprometeram seu propósito libertário, ao assumir uma postura misógina, voltando sua mordacidade, igualmente, para as mulheres que se decidiram pela luta com vistas a atingir direitos e/ou que no seu cotidiano assumiam atitudes consideradas como inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros.

Os integrantes do alternativo, longe de simpatizarem com a causa feminista fizeram uso do espaço do impresso para atacar exatamente mulheres “dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória [...]” e que “[...] buscavam a plena assunção de seu corpo e de sua sexualidade, bem como superar a tradicional concepção da mulher-mãe. Nesse sentido, enfatizavam a questão da mulher sexualizada, ressaltando a questão do aborto e da contracepção” (SOIHET, 2005, p. 595). A acusação de liberação sexual, portanto, estava aliada às causas que eram levantadas por essas mulheres. Finalizando seu verbete sobre feminismo, Millôr acenou o avanço dos tempos:

Depois a televisão. Depois a pílula. Só depois veio o “movimento”, a ideologia, que, como todas, serve apenas pra dar uma arrumada no avanço incontrolável. Basta olhar os adeptos de hoje para você ter certeza de que Casanova, Jack, o Estripador, Landru e o estrangulador de Boston seriam todos fervorosos feministas. Está bem que a mulher não queira mais ser o “descanso do guerreiro”. Mas não precisava ser a aporrinhção do pacifista (FERNANDES, 2002, p. 231).

A ideologia, na visão do jornalista, teria surgido tardiamente para coroar transformações que já estavam em andamento. O jornalista sugeriu não só a aproximação das mulheres a personagens homens, como citou figuras violentas, fazendo alusão a feministas, finalizando com a conformação de que a mulher já não queira ser o “descanso do guerreiro”, mas lamentando que agora ela seja a “aporrinhção do pacifista”. Esse último trecho levanta uma série de modelos em que as mulheres adeptas do feminismo são representadas como violentas. Assim, em suas considerações sobre os feminismos selecionadas para ocupar o lugar de verbete de obra de grande sucesso de venda, Millôr (re)produziu antigos discursos, em que os movimentos são satirizados pelas suas “limitações” biológicas, ideológicas e comportamentais.

Millôr n'*O Pasquim*: humor politicamente danoso

O verbete esmiuçado do livro *Millôr definitivo: a bíblia do caos* vai ao encontro da análise elaborada por Rachel Soihet, que inferiu o uso do humor pelos jornalistas d'*O Pasquim* como uma arma antifeminista e expressão de uma modalidade de violência simbólica contra as mulheres.

De acordo com Rachel Soihet (2005, p. 605),

[...] as mulheres em *O Pasquim* ficavam à mercê dos misóginos de plantão que, sob o rótulo do “humorismo”, terminavam por ridicularizar as atitudes de mulheres que buscavam demarcar seus direitos. Aqueles, na verdade, com essas atitudes, visavam reconstruir os estereótipos da subordinação e domesticidade feminina.

Com investidas contra a capacidade intelectual das mulheres, na defesa da natureza infiel masculina, afirmando a sensibilidade feminina, apontando que as maiores habilidades delas são desenvolvidas no ambiente doméstico e louvando o sofisma do valor da beleza feminina, a pesquisa da historiadora em questão aponta uma face nada generosa do semanário *O Pasquim* e, menos ainda, do seu colaborador Millôr Fernandes. Sob a égide do humor, os escritos do jornal extrapolaram o fazer rir e atingiram mulheres dispostas a transformar social e culturalmente uma época.

Conforme Andréa Queiroz, o impresso era um dos últimos espaços em que cabia opinião crítica (QUEIROZ, 2004, p. 237), entretanto, o espaço foi utilizado como forma de hostilizar os movimentos feministas, também em função dessa causa ser considerada uma luta pequeno burguesa. Essa visão está muito aliada ao conhecimento de que muitas mulheres brasileiras que passaram pelos Estados Unidos e Europa durante manifestações feministas, sejam como exiladas ou como viajantes, ao retornarem ao país engajaram-se nas lutas empenhadas pelos movimentos feministas brasileiros (PINTO, 2003, p. 65). Como mulheres instruídas e com alto poder aquisitivo elas foram, com frequência, consideradas as responsáveis pela chegada do feminismo no Brasil, inclusive pela própria historiografia. Contudo, Joana Maria Pedro alerta para o cuidado que devemos ter ao atribuir os feminismos brasileiros a movimentos puramente externos, visto que desde princípios de 1960 a questão da mulher já vinha sendo problematizada por aqui (PEDRO, 2008, p. 62).

Assim, as críticas ao feminismo promovidas pelos integrantes do jornal podem ser alocadas em dois campos primordiais: o primeiro é a perspectiva misógina e estante que não permite que se avance na compreensão de homens e mulheres para além das diferenças impostas sobre o “pedacinho” faltante; o segundo é a crítica aos costumes considerados burgueses, em tese, considerado o local de nascimento desses feminismos brasileiros. É para reforçar esse primeiro campo e para atingir o segundo que são exploradas, por meio do humor, visões errôneas e estereotipadas dos feminismos e de feministas. Segundo Rachel Soihet (2005, p. 609):

[...] a reiteração da comicidade na abordagem de suas reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca das feministas como masculinizadas, pesadas como elefantes, perigosas, feias, bruxas... Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente re-atualizado de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo.

Na perspectiva da autora, a campanha antifeminista levada à frente pelo *O Pasquim*, sob a justificativa da comicidade, serviu para difundir visões danosas às feministas, permitindo a rejeição dos movimentos e ainda o seu combate. Apesar da pesquisadora em questão não ter feito uso da análise do discurso para refletir sobre a documentação selecionada do jornal, é relevante pensar o fato de a disciplina apontar a linguagem como prática, isto é, mediação, trabalho simbólico, e não mero instrumento de comunicação. Nesse sentido,

torna-se ação que transforma, que constitui identidades (ORLANDI, 2007, p. 28). Já em *Veja* conhecemos uma crítica ao feminismo bastante distinta, empresa em que o jornalista colaborou por 14 anos semanalmente. Isso não implica dizer que na revista identifica-se uma visão otimista de feminismo, mas, em última análise, posso afirmar que Millôr Fernandes, o mesmo homem que colaborou para o combate ao feminismo nas páginas d'*O Pasquim*, também colaborou para sua divulgação em *Veja*.

Mesmo considerando que Millôr Fernandes não foi nada generoso com a causa feminista em nenhuma das publicações, é importante também que levemos em consideração a historicidade do próprio sujeito, historicidade entendida como história do sujeito e do sentido, visto que, ao produzir sentido, o sujeito se produz (ORLANDI, 2007, p. 56). Nessa perspectiva, o jornalista não só “repassou” ao público sua visão de mundo, como também se constituiu nesse processo. Processo que n'*O Pasquim*, publicação de oposição em que Millôr fazia parte da hierarquia, não estando, dessa maneira, submetido a um superior a quem devia prestar contas, se deu de maneira radical e superficialmente crítico, visto que o moralismo do semanário buscou combater um movimento também de oposição e combatente da ordem vigente. Enquanto na *Veja*, revista entendida como reacionária e a favor do capital, exatamente em função da existência de uma hierarquia, ao feminismo foi permitido uma circulação mais benéfica ao desenvolvimento

do próprio movimento que, ainda que não tenha sido louvado, foi alvo de um humor mais inteligente e menos afeito à ridicularização. Nesse ponto me ateno à sugestão de Michel Foucault sobre a noção de poder, que não pode ser pensado por si só, visto que é algo que se exerce, se efetua como relação e não como coisa ou objeto (FOUCAULT, 2007, p. 102-105). O colunista de *Veja* e um dos fundadores d'*O Pasquim* apresentou-se como um negociador em espaços produtores de diferentes discursos, mas ainda espaços detentores e defensores de legitimidade, seja de ordem intelectual esquerdista, seja de ordem neoliberal.

Millôr em *Veja*: o humor servindo de divulgador dos feminismos

Para a compreensão desse apanhado que nos mostra como um dos nomes mais lembrados do jornalismo produziu sentidos sobre os feminismos de segunda onda brasileiros, inicio a última etapa deste artigo que objetiva analisar charges e alguns excertos da coluna Millôr da revista *Veja*. Ressalto que a seleção das charges não foi baseada apenas em referências diretas ao feminismo, mas também quando essas se relacionaram ao tema de maneira mais geral, como é o caso da primeira charge em destaque que dialoga diretamente com a discussão anterior sobre a perspectiva (des)construtivista do feminismo que buscava compreender homens e mulheres para além do “pedacinho” que falta.



Figura 1 - Millôr. *Veja*. São Paulo: Abril, n. 86, p. 13, 29 abr. 1970

A charge, que em sua versão original ocupa mais de metade da página, representa uma cena muito comum na coluna de Millôr que, com bastante frequência, utilizava-se do casal Adão e Eva para satirizar os mais variados assuntos. As personagens, habitantes do paraíso, protagonizam a imagem em que se destaca ainda a macieira e a serpente. Eva, receptiva e com um sorriso largo, afirma para um Adão assustado e com uma postura resistente: “Adão, nós somos unisex!” Respeitando a sugestão de Eni Orlandi sobre a determinação histórica das palavras (ORLANDI, 2007, p. 27), é relevante refletir sobre o que nos diz o texto imagem e o texto escrito, relacionando-os e ainda articulando-os ao contexto imediato e amplo de sua produção.

De acordo com Zaíra Ary, que disserta sobre a desvalorização do feminino no imaginário católico, a partir do relato javista do Gênesis sobre a criação do mundo por Deus, Eva foi feita da costela de Adão para acabar com sua solidão e com ele procriar. Como herdeiras de Eva as mulheres incitaram o homem ao “pecado original”, sen-

do responsáveis pela expulsão do paraíso e pelos males que afligem a humanidade como o trabalho e o parto doloroso. Sendo vulneráveis às tentações, essas seriam consideradas frágeis e ainda sexualmente perigosas e prejudiciais (ARY, 2000, p. 76-77). Millôr Fernandes reelaborou um dos mitos da criação incorporando nele um sentido bastante contemporâneo que remetia, exatamente, não só as mudanças socioculturais no que se referem à vestimenta da década de 1970, como também aos feminismos que se ocupavam em contestar a visão estanque e binária dos sexos.

Já a fala “Adão, nós somos unisex!” remete às rupturas que estavam sendo empreendidas no período, em que mulheres, felizes com os avanços, assim como Eva, partiam em direção ao rompimento de velhas estruturas, mantidas também por homens assustados e resistentes, como Adão. A palavra “unisex” significa algo que serve aos dois sexos (LUFT, 2001, p. 660), contudo, uma possibilidade que podemos manter em aberto é a não referência à palavra “unissex”, essa, sim, integrante da língua portuguesa, sendo “unissex” de origem inglesa, podendo ser apontado como uma licença poética, ou mesmo como um sinal de que esse rompimento seria fruto de estrangeirismos. Independentemente dos variados sentidos que podem ser extraídos da charge, é relevante pensarmos o que essa imagem sinaliza, visto que, mesmo que o termo “unissex” não seja de uso corrente no campo dos estudos de gênero e feministas, ele, e todo o cenário armado pelo jornalista, apontam uma mudança dos tempos, mudança estreitamente articulada aos movimentos feministas da época, movimentos que ainda discutiam sobre

os limites da categoria sexo quando se desejava discutir as problemáticas socioculturais implicadas com ele.

Joana Maria Pedro (2005, p. 78) destaca que os movimentos feministas na década de 1980 passaram a fazer uso da palavra gênero no esforço de reforçar a ideia de que as diferenças entre os homens e mulheres são pautadas na cultura e não no sexo, tido como uma questão biológica. Joan Scott, citada a exaustão na década de 1990, em virtude de ter buscado teorizar sobre a categoria gênero, circulante, mas ainda nova, afirmou que gênero é criação social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75). Portanto, as diferenças entre homens e mulheres estariam vinculadas ao gênero e não meramente ao sexo. Entretanto, anos depois, Linda Nicholson (2000, p. 31) afirmou que

[...] diferenças sutis na forma como o próprio corpo é pensado podem ter algumas implicações fundamentais para o sentido do que é ser homem ou mulher e representar, conseqüentemente, diferenças importantes no grau e no modo como o sexismo opera.

Assim, pesquisas recentes têm refletido sobre a mútua relação que se estabelece entre sexo e gênero.

Millôr, um homem instruído, apesar do tratamento que concedeu aos feministas e às feministas em outras publicações, nessa primeira charge selecionada de *Veja* apresenta a leitoras e leitores de forma bem humorada, satirizando a história de Adão e Eva, a mudança dos tempos e o rompimento de barreiras biológicas sem, em minha opinião, mostrar-se desconfortável ou mesmo negativamente crítico em relação a isso.

A próxima charge selecionada para análise é bastante conhecida de feministas e pesquisadoras. Ocupando uma página inteira e tendo sido publicada em 25 de outubro de 1972, a imagem que traz um fantoche movido por titeres comandados por uma mão de unhas pintadas e com um antebraço vestindo os temas da bandeira dos Estados Unidos, não deixa dúvidas: trata-se de uma mulher brasileira sendo manipulada pela feminista militante Betty Friedan, que um ano antes visitou o Brasil causando grande movimentação. Rachel Soihet (2007, p. 52) também utilizou essa charge como comprovação da frequente acusação que se fazia aos feministas brasileiros de segunda onda da época, que esses se tratavam de mera imitação.



Figura 2 - Millôr. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 216, p. 9, 25 out. 1972

Inserida pela enunciação “Millôr e as grandes reivindicações”, frase que introduz grande número de charges que têm como alvo os movimentos feministas e seus temas, como aborto e liberação sexual, a marionete que representa uma mulher brasileira afirmava: “Devemos mostrar aos homens brasileiros a nossa total independência.” Fazendo alusão às influências do movimento feminista norte-americano sobre as feministas brasileiras, o jornalista relativizou a liberdade que essas estariam buscando ao mostrarem-se totalmente independentes dos homens brasileiros, mas mantendo-se submetidas a uma ideologia considerada estrangeira.

Betty Friedan, a feminista acusada de motivar reivindicações descontextualizadas do feminismo gestado nos Estados Unidos aqui no Brasil, lançou em 1963 o livro *Mística feminina*, obra dedicada à reflexão sobre a imagem difundida de mulher como dona de casa, mãe e esposa perfeita. Ela, como mulher instruída e de classe média, com essa publicação foi considerada uma das peças-chave do desencadeamento do movimento feminista de segunda onda a partir da década de 1960. A obra, bastante adequada à realidade do país de origem da feminista, contudo, apesar de ter sido muito lida pelas feministas brasileiras interessadas em inteirarem-se dos debates internacionais, para os grupos de esquerda, não fazia muito sentido. Rachel Soihet (2007, p. 43) aponta a resistência das esquerdas no que se referia aos feminismos, acusados de ser “coisa” de burguesas e não representantes de mulhe-

res trabalhadoras que encaravam diariamente problemas mais graves dos que os enfrentados pelas donas de casa nos Estados Unidos.

Em dissertação dedicada à reflexão a respeito da circulação de bibliografia feminista no Brasil, mais especificamente do livro *O segundo sexo*, Joana Vieira Borges (2007, p. 100) destaca a necessidade de legitimidade que trabalhos de origem teórica no campo dos estudos feministas precisavam reivindicar, sendo que a utilização dessas obras consideradas exóticas, em razão de terem sido pensadas em outros países, era uma forma de fortalecer uma área de conhecimento e uma causa que ainda encontrava-se em vias de desenvolvimento.

Contudo, não devemos esquecer que o cenário de ditadura permitiu que no país se construísse um projeto feminista de esquerda. Sendo assim, a crítica de Millôr, expressada no domínio de um fantoche brasileiro por uma mão estrangeira, está essencialmente articulada a uma perspectiva de esquerda que considerava a causa feminista uma causa menor. O que essa perspectiva não levava em consideração, no entanto, era o tipo de engajamento político ao qual essas mulheres feministas submetiam-se, exatamente dentro da esquerda que, mesmo sendo esquerda, mantinha-se conservadora quando às expectativas de gênero.

Algumas edições depois, *Veja* publicou nova charge que permite debatermos a relação de Millôr com o feminismo.



Figura 3 - Millôr. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 221, p. 14, 29 nov. 1972

A imagem cujo título é “Millôr e o eterno masculino”, frase que remete ao ideal de eterno feminino invertendo suas possibilidades, uma das mulheres que se expõe em pouca vestimenta, afirma:

Os homens brasileiros são mesmo uns porcos chovinistas, olha que eu tenho diploma de datilografia, fiz curso de enfermagem, estudei comunicação, estou no segundo ano de sociologia da PUC e eles continuam me olhando como objeto sexual.

Antes de refletirmos sobre o conteúdo da imagem e sobre de que maneira ele dialoga com o texto escrito, é preciso pensarmos sobre a expressão “eterno masculino”.

Simone de Beauvoir, uma das feministas mais lidas no Brasil, na obra *O segundo sexo*, que se dedica a apontar o caráter cultural dos sexos, ocupa preciosas linhas para refletir sobre o mito do eterno feminino através de excertos da literatura, da filosofia e de discursos religiosos. Apon-ta, então, como as mulheres foram fixadas

na noção de eterno a partir do que se considerava adequado ao seu sexo. Articulando o mito em um cenário divino, a feminista destacou como a “função fêmea” demarcou de maneira fixa o que se esperava e, não podemos negar, espera-se de uma mulher, reduzida a um sexo biológico que determinaria todo o seu destino, destino que, no sentido psicanalítico, vinculava à mulher ao seu papel biológico (BEAUVOIR, 2009, p. 317). A expressão eterno feminino, portanto, remonta a séculos de expectativas de gênero. Millôr, para a introdução de sua charge, com frase em letras garrafais que exige a leitura antes mesmo do conhecimento do texto no pé da página, apropriou-se da expressão e deu um novo sentido a ela, fazendo amplo uso do interdiscurso, estratégia frequente em sua produção, como pode ser constatado na reconstrução de Adão e Eva.

Ela afirma “[...] eu tenho diploma de datilografia, fiz curso de enfermagem, estudei comunicação, estou no segundo ano de sociologia da PUC e eles continuam me olhando como objeto sexual” e sua fala reforça que a situação conjetural das mulheres mudou, mas o olhar dos homens sobre elas ainda era o mesmo, porque era o eterno masculino atuando e, além disso, porque essa mulher que agora dedicava-se ao estudo mantinha-se com a postura de objeto sexual, afinal, o uso do biquíni é um demarcador importante para refletirmos sobre o contexto geral da charge. Além de ser pertinente chamar atenção para as capacitações dessa mulher, historicamente “feminina”, também o é com relação à menção feita à PUC, universi-

dade privada que exige grandes recursos para seu financiamento, na qual a personagem cursa sociologia, um dos cursos mais procurados por mulheres do período, como atesta Anette Goldberg (1987, p. 33). Talvez, se a imagem fosse extraída e o texto fosse mantido, a leitura poderia ser outra, afinal, a visão de objeto sexual seria responsabilidade do homem e do eterno masculino. Porém, a charge promove uma inversão de sentido e exige que seja articulada ao texto. Nessa perspectiva, o jornalista responsabilizou homens, mas principalmente as mulheres pelo tipo de tratamento que essas recebem socialmente, sendo entendidas como objetos sexuais, independentemente da formação intelectual que ostentem.

A última charge que apresento para reflexão também traz o corpo de uma mulher exposto, sem roupas, mas destacando-se por um humor pernicioso, refletindo sobre um problema social sério através da sátira.

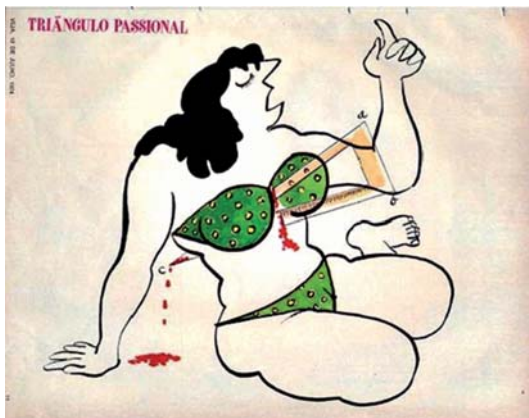


Figura 4 - Millôr. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 305, p. 13. 10 jul. 1974

A imagem cujo título é “Triângulo passional” faz uma alegoria com uma situação complexa que nessa época já vinha causando comoção no país: a violência contra as mulheres, mais especificamente a violência conjugal justificada por atos de amor. Nesse período já não eram raras as notícias que denunciavam casos de assassinatos de mulheres sob a justificativa de legítima defesa da honra.

A violência doméstica e familiar praticada contra mulheres no Brasil costumava – e infelizmente ainda costuma – ser encarada como um problema de foro privado em que os poderes públicos não têm o poder de legislar. A velha máxima “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” era o grande apanágio do problema, que na década de 1970 já era uma das grandes preocupações feministas no Brasil e que, em meados de 1980, tornou-se uma das principais causas dos feminismos desenvolvidos no país. Eva Alterman Blay (2009, p. 41-42) aponta que desde o século XIX o Brasil experimentou alguns focos de “epidemia” em que o assassinato de mulheres era o grande vírus. Segundo a autora, esse histórico adentrou o século XX e, como podemos constatar, também o século XXI. Somente em 1985, três anos antes da nova Constituição, foi criada a primeira Delegacia da Mulher em São Paulo, após muitos embates feministas que conseguiram sensibilizar o Estado (2009, p. 44). A Constituição de 1988 foi considerada um dos marcos no que concerne à mudança do tratamento das relações de gênero.

Millôr, na charge que permite uma série de elucidações históricas no que

se refere à violência contra as mulheres, fazendo uso de um humor que em muito incomoda, em função de satirizar um assunto extremamente sério, enquadrando a mulher como principal figura do triângulo amoroso, visto que era ela quem sofria a violência. O jornalista, com essa imagem, trouxe à tona um tema ainda não muito difundido pela imprensa e, mais especificamente, por *Veja*, revista que se restringia a pequenas notas que noticiavam casos de morte de mulheres pelas mãos de seus companheiros. A charge, que ocupa uma página inteira, explora a figura geométrica como instrumento letal, metáfora para apontar os resultados de casos amorosos a três, denunciou o contexto de violência daquele momento, colaborando para a divulgação do problema. Em edição de 10 de agosto de 1977 o humorista afirmou que “hoje em dia basta um cara assassinar a amante sem motivo justo para ser considerado machista” (Millôr, 1977, p. 15), trazendo à tona novamente a questão. A citação que a princípio pode soar machista, se for pensada de maneira mais reflexiva, permite a percepção de que a expressão “sem motivo justo” é a linha que nos permite ir além da acusação de Millôr como simplesmente antifeminista e machista.

O jornalista, ao fazer uso de um espaço legitimado de comunicação, como era o caso da revista *Veja*, problematizou uma das questões foi o cerne dos movimentos feministas a partir de 1980, a violência. Sem fazer julgamentos de ordem moral, Millôr restringiu-se a divulgar o problema de maneira crítica e humorada, apesar da densidade do tema.

Considerações finais

Millôr Fernandes, constantemente lembrado por feministas e pela historiografia por ter sido um dos grandes “perseguidores” de um movimento social disposto a transformar não só as condições sociais das mulheres, mas também das pessoas, independentemente de sexo e/ou gênero, mais do que reproduzir modelos simplistas de homem e mulher, contribuiu para a divulgação dos embates empreendidos pelas feministas do período, valendo-se, para tal, principalmente, de sua atuação em *Veja*, semanário no qual publicou dezenas de charges e textos para a crítica do feminismo. Mesmo que essa divulgação estivesse muito aliada em variados momentos a perspectivas reducionistas, até mesmo machistas e pouco reflexivas, de alguma maneira, Millôr fez em *Veja* o que não foi efetivado n’*O Pasquim*: contribuiu para a divulgação de temas caros à perspectiva feminista.

A revista *Veja*, como impresso que tinha como público-alvo a classe média brasileira, o que inclui mulheres instruídas e com relativo poder aquisitivo, exatamente aquelas que são acusadas de serem as agentes do feminismo, com menor ou maior grau permitiu que os feminismos brasileiros de segunda onda circulassem nas coloridas e festivas páginas de humor da coluna Millôr, circulação muitas vezes positiva no sentido produtivo e também otimista, em virtude de possibilitar que os assuntos se tornassem tema de debate. O que não foi possível n’*O Pasquim*, espaço tido como libertário e contestador que,

de acordo com pesquisa de Rachel Soihet, restringiu sua atuação a uma perspectiva misógina, agressiva, desrespeitosa em relação a tudo e a todas que pudessem estar vinculados à causa feminista.

Não é conveniente a defesa de Millôr, contudo, é importante não desconsiderar as possibilidades de negociação que o jornalista encontrou nos diferentes impressos, exatamente o que permitiu a construção desse paralelo entre o Millôr d'*O Pasquim* e o Millôr de *Veja*. Se no primeiro foi levada ao extremo a possibilidade de ridicularizar o tema feminismo, no segundo o que se testemunhou foram “escapadas” que mais ajudaram do que atrapalharam um feminismo preocupado em incitar a reflexão, reflexão absolutamente possível em variadas colunas do, sobretudo, crítico, Millôr Fernandes.

Abstract

The humor, not rarely, is considered a mere instrument to make people laugh, without ideology or political sense. However, if we consider the power of words, not only as constituents of sense, but also of subjectivities, the joke and mockery can take serious shape, with repercussions that can contain or stimulate the transformation. The members of the second wave of the feminist movements in Brazil knew like no one the scope of mockery when it comes to the destabilization of gender expectations. Millôr Fernandes, journalist, cartoonist and humorist, is the name most often remembered in that low honor hall of fame that jour-

nalists working in diverse newspaper during the civil-military dictatorship that were accused of sexist and misogynistic. Desiring to extrapolate these known criticisms, the present article aims to reflect on the role of Millôr in the combat and also the dissemination of brazilian feminism, from research already produced in the *O Pasquim* and from excerpts of the magazine *Veja*, which are also articulated to a compendium in which the journalist deals with discoursing about the feminism.

Keywords: Civil-military dictatorship. Feminist movement. Humor.

Resumen

El humor, no raras veces, es considerado un mero instrumento de hacer reír, sin sentido político o ideológico. Entretanto, si consideramos el poder de las palabras, como constituyentes no solo de sentido, más también de subjetividades, el chiste y la broma pueden asumir contornos serios, con repercusiones capaces de contener o estimular la transformación. Las integrantes de movimientos feministas de segunda ola en Brasil conocieron como ninguno los alcances de la burla cuando el asunto es la desestabilización de las expectativas de género. Millôr Fernández, periodista, dibujante y humorista, es en general el nombre más sembrado en ese poco honorable hall de la fama en que periodistas activos en los más variables impresos durante la dictadura civil-militar son acusados de sexistas y misóginos. Deseando extrapolar

esas críticas ya conocidas, el presente artículo tiene como objetivo reflejar sobre el papel de Millôr en el combate y también en la divulgación de los feminismos brasileños, a partir de investigación ya elaboradas en *El Pasquim* y a partir de extractos de la revista *Veja*, los cuales son articulados aun a un compendio en que el periodista se ocupa de disertar sobre el feminismo.

Palabras clave: Dictadura civil-militar. Humor. Movimientos feministas.

Notas

- ¹ Didaticamente o feminismo é dividido em duas ondas: a primeira onda refere-se às manifestações que reivindicavam a ampliação dos direitos civis de mulheres em que se incluía o direito de votar e ser votada no final do século XIX e início do século XX; a segunda onda faz referência as manifestações iniciadas na década de 1960 em que as bandeiras de luta estavam articuladas a questões de sexualidade e de subjetividade, lutava-se pelo usufruto do corpo e combatia-se o patriarcado. Apesar dessa estrutura de ondas ser funcional, é importante pensarmos o feminismo como um acontecimento que, portanto, se desenvolveu de diferentes maneiras em variados espaços.
- ² O acervo da revista *Veja* encontra-se todo disponibilizado *on-line* no endereço <http://veja.abril.com.br/acervodigital/>
- ³ As informações acerca de biografia de Millôr foram extraídas de seu *site*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/aberto/biografia/index.htm> Acesso em: 10 jul. 2011.
- ⁴ A primeira edição que contou com a colaboração de Millôr foi a número 13, de 14 de dezembro de 1968. A última coluna assinada pelo jornalista foi a de número 744, em 1982. Na edição seguinte foi substituído por Luis Fernando Verissimo que permaneceu até 1989, quando Jô Soares passou a ser o colunista de humor de *Veja*.
- ⁵ Entrevista realizada em 2 de abril de 1989. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0131>. Acesso em: 10 ago. 2011.

- ⁶ O PMDB, mesmo declarando-se um partido de centro, foi contrário ao regime civil-militar instaurado no Brasil em 1964. Disponível em: <http://www.pmdb.org.br/historia.php>. Acesso em: 6 jan. 2012.

Fontes

FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo: a bíblia do caos*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *Veja*. São Paulo: Abril, n. 86, 29 abr. 1970.

_____. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 216, 25 out. 1972.

_____. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 221, 29 nov. 1972.

_____. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 305, 10 jul. 1974.

_____. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 418, 8 set. 1976.

_____. *Veja*, São Paulo: Abril, n. 466, 10 ago. 1977.

Referências

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja sob censura: 1968-1976*. São Paulo: Jaboticaba, 2009.

ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da ação católica à teologia da libertação*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLAY, Eva Alterman. O tardio reconhecimento de que a mulher tem direitos humanos. In: TORNQUIST, Carmen Susana et al. *Leituras de resistência: corpo, violência, poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009. v. 2.

- BORGES, Joana Vieira Borges. *Para além do tornar-se: ressonâncias das leituras feminista de o segundo sexo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Gênero*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005.
- DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 287-293, jan./abr. 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. *História da sexualidade 1 – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de libertação em ideologia liberalizante*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, out. 1987.
- LAQUEUR, Thomas. Da linguagem e da carne. In: *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos à Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LUCA, Tânia Andrade de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUFT, Lya (Org.). *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2001.
- MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira (1968-1978)*. São Paulo: Global, 1980.
- NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- _____. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- PEDRO, Joana Maria. Os feminismos e os muros de 1968 no Conesul. *Clio*, n. 26-1, p. 59-82, 2008. (Série Revista de Pesquisa Histórica).
- _____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros Queiroz. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1981). *História & Perspectivas*, Uberlândia v. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004.
- _____. Millôr e o cenário carioca dos anos 60. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, XIV. Memória e patrimônio, Unirio. *Anais...*, 2010. p. 8. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276709038_ARQUIVO_Texto-ANPUH-RIO2010.pdf. Acesso em: 12 mar. 2011.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Carla Luciana da. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989 a 2002)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.
- SMITH, Anne Marie. *Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria Pedro. A emergência das pesquisas da história das mulheres e das relações de gênero. In: *Revista Brasileira de História – Dossiê História e gênero*. São Paulo: ANPUH, v. 27, n. 54, jul./dez. 2007.

_____. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 3, p. 591-611, set./dez. 2005.

_____. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *Artcultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan./jun. 2007.

Sites consultados

<http://www2.uol.com.br/millor/aberto/biografia/index.htm>. Acesso em: 10 jul. 2011.

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0131>. Acesso em: 10 ago. 2011.

<http://www.pmdb.org.br/historia.php>. Acesso em: 6 jan. 2012.